

A ESCRITURA ESTRUTURALISTA E ALTHUSSER APÓS A CONTESTAÇÃO DE 68

Sandra Bagiotto Lago[®]

RESUMO^{®1}

Este trabalho faz parte da pesquisa realizada no Grupo de Estudos Lingüísticos de Santa Maria e objetiva descrever o desenvolvimento do Estruturalismo após a contestação de maio de 68, ocorrida em Paris. Para tanto, recorre-se às publicações da época e ao trabalho de Althusser, grande nome do Estruturalismo.

PALAVRAS-CHAVE: estruturalismo, revistas, Althusser.

INTRODUÇÃO

A grande aventura semiológica se caracteriza por uma intensa atividade lingüística e de crítica literária. Tem por objetivo difundir os resultados das pesquisas semióticas nos mais diversos domínios, onde quer que a noção de signo seja reconhecida e discutida.

A revista **Poétique** foi fundada em 1970 como a revista de teoria e de análise literárias. Seus pressupostos teóricos filiam-se à tradição estruturalista e formalista. A orientação de *Poétique* era estritamente literária, não se tratava de submeter à reflexão a qualquer modelo proveniente do marxismo ou do freudismo. Os pressupostos formalistas envolvem um estudo autônomo da linguagem literária em relação ao referente, quer seja social ou subjetivo. Portanto, permanece-se fiel à orientação dos formalistas russos do início do século.

Nasce em 1971 a revista *Littérature* que é caracterizada pela tentativa de exploração de um caminho diferente do formalismo da revista *Poétique*. A revista exprime bem as

novas inflexões do paradigma estrutural que se procura então ligar ao Sujeito, à história. Há todo um jogo de produção/recepção que proporciona ao estudo literário o acesso ao campo freudiano, sobre o qual se pode dizer que constitui um dos principais eixos de *Littérature*, conjugado com uma perspectiva marxista-althusseriana.

1. A escritura e a revolução

A reorientação ou refundição do estruturalismo encontra na revista vanguardista *Tel Quel* um lugar privilegiado de expressão. É nela que as teses derridianas de desconstrução atingem o máximo de público. *Tel Quel* se apresenta como a vanguarda da revolução proletária e, de maneira leninista, se obriga a ter um programa "científico". Sente-se portadora de toda a aquisição modernista das ciências humanas renovadas pelo paradigma estruturalista.

Em 1964, *Tel Quel* exalta uma escritura de ruptura, uma escritura de escansão, não metafórica. São questionadas as categorias de obras, de autores, e a interrogação incide cada vez mais sobre a própria noção de escritura a partir das teses de Derrida e de Althusser. A revista encontra-se em vésperas de uma virada radical que a vai fazer passar de um marxismo de tendência russa para um marxismo de tendência chinesa. No início de 1969, *Tel Quel* toma o rumo do oriente vermelho do "grande timoneiro" e de um marxismo-leninismo stalinista purificado pelo presidente Mao.

Tel Quel torna-se então a

expressão do fascínio que a China exerce sobre os intelectuais e então, uma equipe da revista é convidada a visitar o país. *Tel Quel* deseja encarnar a subversão não mais da sociedade francesa apenas, mas da humanidade inteira que vai avançar de forma irrefreável dos campos sobre as cidades.

Em 1967 foi desencadeada uma luta entre *Tel Quel* e Jean-Pierre Faye, este, deixa de trabalhar nessa revista para fundar uma nova: *Change*. O título evoca a vacilação, a perplexidade, essa valsa hesitante entre ciência e literatura, teoria formal e crítica ideológica. A equipe tem por projeto trabalhar na montagem da narrativa para melhor discernir seus efeitos no jogo das formas. Tendo a escritura por objeto, *Change* situa-se de imediato como concorrente direta de *Tel Quel* e destaca a noção de transformação sintática permitindo a passagem entre estrutura profunda (modelo de competência) e estrutura de superfície (modelo de desempenho).

2. Altos lugares de confrontações

As revistas são sempre, nesse período, o meio privilegiado das confrontações teóricas. A revista *Esprit* dirige-se em 1968 a Michel Foucault que se esforçou por pluralizar, por substituir as relações causais que reúnem todos os fenômenos para os referir a uma causa única pelo "feixe polimorfo das correlações". O trabalho arquivístico não tem por objetivo coligir textos, mas delimitar suas regras de aparecimento, suas condições de legibilidade e suas transformações. Não é o conteúdo, em suas leis internas de construção, o que interessa a Foucault, mas as condições de existência dos enunciados.

La Nouvelle Critique prossegue, depois de 68, em sua política de

abertura, de difusão das teses estruturalistas e de relações privilegiadas com a equipe de *Tel Quel*, até 1970. Ela também repercute e analisa a obra de Lévi-Strauss.

3. O Retorno a Althusser

O movimento de maio abalou as teses althusserianas e provocou um "multismo" dessa corrente no imediato pós-maio. Entretanto, a contestação de 68 encontra no althusserianismo, o meio de reconciliar a sua adesão ao marxismo e o seu desejo de rigor estrutural. Toda uma geração, a de 68, vai utilizar, portanto, as categorias do althusserianismo em todos os domínios do saber.

A juventude estudantil se alimenta das teses althusserianas, Althusser e os seus mantêm-se, porém, discretos, e será necessário aguardar os anos de 1972-1973 para os ver retornar à cena editorial. O segundo alento do marxismo entre os intelectuais no pós-68, provoca novos interesses pelas teses althusserianas e a irradiação ultrapassa amplamente o estreito quadro hexagonal. O althusserianismo encontrou até por largo tempo, uma terra de eleição na América Latina, onde a contestação dos Partidos Comunistas, oficiais ligados a Moscou, foi feita, na grande maioria dos casos, em seu nome, em particular na Argentina.

4. Os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)

Esse althusserianismo triunfante dos anos 70 não é, porém, o mesmo que o das obras de meados dos anos 60, deslocando-se da teoria para a análise. Althusser mostra a passagem de um ponto de vista puramente teórico, especulativo, para uma consideração da

“análise concreta de uma situação concreta”, sem que por isso se condene ao empirismo, a partir das categorias conceituais. É nessa perspectiva que, em 1970, Althusser define um vasto programa de pesquisa com o seu famoso artigo sobre os AIE. Estes diferenciam os aparelhos repressivos do estado, que se apóiam na violência para garantir a dominação, dos aparelhos ideológicos do estado que funcionam por meio da ideologia, que incluem a família, os partidos, os sindicatos, a informação, a cultura, as instituições escolares ou as igrejas, que se perpetua a sujeição à ideologia dominante, a submissão à ordem estabelecida. Portanto, desloca o estudo da ideologia com simples discurso para a ideologia como prática, o que aproxima suas posições das defendidas por Michel Foucault em 1969, quando este invoca a necessária abertura do discursivo para as práticas não-discursivas, e sua relação recíproca.

5. A antropologia estrutural-althusseriana

A grade althusseriana vai gerar uma tentativa de conciliação entre marxismo e estruturalismo do lado da antropologia. Para a maioria dos antropólogos marxistas, Althusser vai representar o quadro teórico em que é possível inserir os estudos de campo.

Emmanuel Terray, que tinha descoberto em 1957 *As Estruturas Elementares do Parentesco* de Lévi-Strauss, deseja conjugar esse rigor científico com seu engajamento político e com sua adesão ao marxismo, fora da vulgata oficial, nos anos 60. Terray assinala três limites que o pensamento estruturalista não logra ultrapassar, mas que seria possível superar graças ao marxismo. Primeiro, o estruturalismo não permite fazer economia de uma

filosofia, um kantismo sem sujeito transcendental que refere as oposições binárias assinaladas às estruturas do cérebro humano. Em segundo lugar, o modelo fonológico funcionava muito bem porque estabelecia um sinal de equivalência entre a sociedade e o que diz respeito à representação, à linguagem. Por conseguinte, o estruturalismo lévi-straussiano está impedido de pensar a ação, a práxis. Em terceiro lugar, Lévi-Strauss, ao definir a sociedade como troca de palavras, de bens e de mulheres, descarta de sua perspectiva dois domínios que se mantiveram como os pontos cegos de seu método estrutural: a produção e o conjunto dos fenômenos de poder.

Terray quer reconciliar o marxismo com a racionalidade contemporânea, utilizando o método estrutural e, inversamente, “dinamizar e não dinamitar o aparelho estruturalista pelo marxismo”. Com esse propósito, retoma o estudo de campo de Claude Meillassoux, *Antropologie économique des Gouro de Côte d’Ivoire*, para reexaminá-lo a partir das categorias althusserianas, suas análises dos instrumentos de trabalho, das técnicas de produção, da força de trabalho e das suas relações de produção nas quais esse trabalho era executado. Ele pôde então definir duas formas de cooperação: aquela que resulta da caça de tocais com rede, o que determina uma cooperação complexa e, por outra parte, uma cooperação simples, baseada na agricultura. Terray reencontra assim em Meillassoux uma ilustração da tese althusseriana da autonomia das instâncias, e das defasagens possíveis entre o domínio de uma instância e a determinação em última instância do econômico. Essa abordagem permite também dirigir as

atenções para os dois horizontes cegos do estruturalismo: a produção e a política.

6. A sociologia althusseriana

Também entre os sociólogos, as teses althusserianas conhecem, depois de maio de 68, um extraordinário sucesso. Uma renovação do pensamento sobre a política vai se apoiar na noção de AIE. A influência althusseriana em sociologia política passa pela obra de Nicos Poulantzas, que em 1968 publica **Pouvoir politique et classes sociales**. Professor de sociologia em Paris, propõe um enfoque conceitual da sociologia para livrá-la das rotinas empíricas e convertê-la em teoria científica. Numa estrita ortodoxia althusseriana, Poulantzas volta as costas a duas leituras deformadoras de Marx: a leitura historicista e a leitura economicista.

O historicismo exprime-se sob duas formas: uma corrente hegeliana, que coloca a classe social na posição de sujeito da história, representada por Georg Lukács; e uma segunda corrente que se apoiaria numa interpretação funcionalista de Marx e teria por representante Pierre Bourdieu. Poulantzas opõe a essa orientação historicista o mesmo argumento que Althusser em face do humanismo, ao considerar os agentes da produção como simples “suportes ou portadores de um conjunto de estruturas”.

A outra leitura deformadora de Marx é o economicismo, que reduz a existência das classes sociais à sua realidade no interior das relações de produção exclusivamente.

Poulantzas terá tido o mérito de abrir espaço para uma nova reflexão sobre o poder, concebido de maneira muito mais complexa do que a habitual referência a um estado-instrumento de

classe. O poder é analisado por ele como vasto campo estratégico englobante, numa abordagem bastante próxima da de Michel Foucault, sem que isso signifique, porém, um questionamento da noção de centro no funcionamento do poder.

7. Uma epistemologia althusseriana

O materialismo histórico, em sua versão althusseriana, não se limitou ao campo das ciências humanas, ele desenvolveu toda uma reflexão sobre as chamadas ciências duras. Os cursos de 1967-1968 vão ocasionar uma publicação que se tornará o breviário dos althusserianos engajados na pesquisa científica: *Sur l'histoire des sciences*. Michel Pêcheux interroga-se nessa obra sobre essa tão famosa noção de corte. Tomando como modelo a distinção estabelecida na obra de Marx por Althusser em torno do decantado corte epistemológico, Pêcheux estuda os efeitos do corte galileano em física e em biologia. Ele pretende estabelecer a divisão entre o ideológico e o científico, a fim de mostrar que as concepções de mundo (o ideológico) têm que ser simplesmente postas de lado.

Pierre Raymond, althusseriano e matemático, publica, por seu lado, uma série de obras de reflexão sobre as condições de possibilidade de uma história das ciências em meados da década de 70. Ele interroga a relação que a filosofia mantém com a produção científica.

8. Um desejo de totalização

Essa adoção dos conceitos althusserianos como grade de análise do real é manifestado na revista *Tel Quel*, que, em fins de 1968, tem justamente por ambição, construir uma “teoria de

conjunto". À separação arbitrária entre dois gêneros, "romance" e "poesia", Marcelin Pleynet opõe uma nova abordagem do percurso textual que se inspira diretamente nas três "generalidades" expostas por Althusser: "Generalidade 1 (generalidade abstrata, trabalhada), a língua; generalidade 2 (generalidade que trabalha, teoria), arquescritura; generalidade 3 (produto do trabalho), o texto".

A revista **Littérature** é fortemente marcada pelas posições althusserianas. O desejo de totalização se manifesta também no grupo que cria em 1973 a revista *Dialectiques*. A originalidade dessa revista resulta do seu alto nível de conceitualização, de sua independência militante e de sua recusa de toda e qualquer enfeudação.

9. As autocríticas

Um certo distanciamento em relação ao estruturalismo, do qual todo o mundo ainda se considerava adepto, vai converter-se rapidamente no mais importante aspecto de uma autocrítica em regra, como se revela pelo próprio título da obra de Althusser publicada em 1974: **Éléments d'autocritique**. Trata-se, pois, de um verdadeiro desvio e não mais de um simples erro pontual; sabe-se que o termo desviacionismo implica, na corrente marxista, a idéia de um pecado irremissível, que torna necessário a autoflagelação. Uma tal cenografia desloca o que está em jogo para o plano estrito do racionalismo, ao opor a ideologia, à qual é atribuído o lugar do erro, e as ciências marxistas, que ocupa o da verdade. Essa posição subtendia pensar a problematização filosófica e política ao modo da história das ciências. Esse erro de perspectiva, esse teorismo se encarnavam em três figuras: uma teoria da diferença entre a ciência e a ideologia enquanto termos

gerais; o conceito de prática teórica; e, enfim, a tese segundo a qual a filosofia é o lugar da teoria da prática teórica.

Na medida em que Althusser incrimina simplesmente a linguagem empregada em meados da década de 60, é evidente que ele deprecia o que, de fato, se vinculava muito mais a uma estratégia inteiramente consciente de sutura entre diversos saberes em torno de um objetivo comum, tanto institucional quanto teórico. Em 1974, vê o estruturalismo como uma especialidade claramente francesa e uma ideologia filosófica de cientistas; e não percebe nenhuma relação entre o esvaziamento das realidades concretas que supõe a idéia/ideal estruturalista de uma produção do real que resultaria de uma combinatória de elementos quaisquer, e o marxismo, cujos conceitos, ainda que se definindo como abstrações, visam elucidar a realidade social em seus lances mais concretos.

Mas o processo de autocrítica apenas começou. Pouco depois, em 1976, Étienne Balibar toma conhecimento de um texto inédito que Althusser lhe comunica. É nessa data que ele toma consciência de que Althusser está animado por uma força inexprimível que o conduz a desfazer, a destruir tudo o que tinha construído até então.

Étienne emite várias hipóteses para explicar esse mecanismo de destruição, cada vez mais convincentes em Althusser. Há as razões de ordem psicológica: sabe-se que Althusser tinha uma saúde psicológica frágil, que ele não passava um ano ensinando sem uma estada prolongada no hospital psiquiátrico. Acrescenta-se a isso uma série de razões de ordem política, envolvendo as crises conjugadas do marxismo, do mundo comunista e do PC francês, que Althusser teria tentado

em vão impedir, sem poder fornecer um remédio satisfatório.

10. A lição de Althusser

Essa autocrítica de Althusser não basta para Jacques Rancière, que publica em 1974, uma obra na qual repudia radicalmente o ensino do mestre. *La Leçon d'Althusser*. Mas essa publicação foi feita quando a autocrítica de Althusser ainda não fora publicada; mas não satisfará Rancière, que a considerará uma parada destinada a responder às críticas que se multiplicam, a fim de tornar ainda possível o desenvolvimento de um neoalthusserianismo recentemente iniciado.

A crítica de Rancière é, pelo contrário, radical, procede mediante rupturas e rejeições. É certo que ele admite ter o althusserianismo tido um efeito positivo no plano subjetivo para toda uma geração, enquanto fenômeno de circulação e de comunicação de certos saberes, mas é muito crítico a propósito da negação de todo pensamento do sujeito, apresentado pelo althusserianismo como espantalho para pardais.

O outro ângulo de ataque de Rancière, desta vez amparado em suas posições maoístas do momento, consiste em recordar o fundamento da dialética: Um divide-se em Dois. E censura Althusser pelo que considera uma adesão/traição à sociologia durkheimiana quando ele apresenta a ideologia como um fenômeno em si, um dado imutável, uma invariante, enquanto que para Rancière, toda ideologia está inelutavelmente ligada aos conflitos entre classes e só pode, portanto, ser apreendida como ideologia de classe.

A ruptura é, portanto, radical entre Rancière e Althusser. Esse ato de ruptura vai ter um eco mediático

bastante vasto, porquanto representa um sintoma decisivo da crise que o althusserianismo conhece desde 1968, apesar da excitação que suscita, por outro lado.

11. Um tiro de barragem contra Althusser

Nos meados dos anos 70, é um verdadeiro bombardeiro concentrado que se desencadeia contra a retomada dos althusserianos. Fougeyrollas contesta o idealismo althusseriano que desloca o marxismo do campo da práxis para a teoria, e que transforma assim a perspectiva marxista de mudança do mundo em transformação da filosofia. Por outro lado, assinala as contribuições recebidas pelo althusserianismo das diversas ciências humanas, em especial da psicanálise, que levam a fazer do marxismo uma variante do estruturalismo, com a substituição da dialética por "um tipo de tópica estrutural".

Daniel Bensaïd, faz uma crítica vitriólica de Althusser. Rechaça, sobretudo, a noção de "desvio" stalinista definido de maneira excessivamente tímida por Althusser. Conclui que remeter o fundamento do "desvio" stalinista para uma origem puramente teórica permite ocultar facilmente 40 anos de história do movimento operário.

Por seu lado, Michael Lowy responde a Althusser no plano filosófico defendendo o humanismo de Marx.

De um outro horizonte do pensamento, o da revista *Esprit*, Jean-Marie Domenach vê Althusser como o defensor de uma escolástica que, por ausência de correspondência com o real, encontra uma escapatória com a teoria abstrata, a noção de corte, a ausência de sujeito, a fim de evitar eventuais desmentidos que poderiam

representar as simples observações da realidade empírica. Ele vê na leitura de Althusser uma reinterpretação estruturalista de Marx, e não apenas algumas adoções de vocabulário.

CONCLUSÃO

As revistas favorecem as confrontações entre disciplinas, entre especialidades de diversas origens, e permitem a eclosão de uma reflexão comum sobre a escritura. Centradas num primeiro tempo, antes de 1967, em torno da noção de estrutura, elas procuram mais a pluralização e a dinamização daquela, no segundo tempo do momento estruturalista.

Com a definição dos aparelhos ideológicos, Althusser permitiu o estabelecimento das áreas de investigação mais precisas, abertas para uma elucidação do social. É certo que esse conceito deu lugar a numerosas aplicações mecanicistas; mas na concepção de Althusser, os AIE's não são, de maneira nenhuma, apesar da designação de aparelho, a expressão de um lugar, de um instrumento qualquer.

Toda uma efervescência teórica parece situar o althusserianismo como o unificador das ciências humanas, sólido dique de cientificidade por sua capacidade para conjugar estruturalismo e marxismo. Mas esse tempo de triunfo será tão fugitivo quanto espetacular, pois a pluralização da contradição, a substituição por complexa combinatória de instâncias do jogo binário da dialética, vão em breve relativizar e minorar o poder do esquema de explicação marxista, mesmo enriquecido por Althusser.

O projeto essencial de Althusser, o de construir uma ciência que escape à ideologia, implica o retorno sempre possível do recalcado ideológico ao próprio campo da ciência. Não existe,

portanto, repouso possível nessa batalha incessante, nesse conflito interno no interior de uma ciência que é preciso promover, mas da qual se sabe que contém em si a não-ciência, a sua própria dissipação, a sua própria eliminação.

A tentativa althusseriana terá sido a mais globalizante e a mais ambiciosa do estruturalismo especulativo. Sua implosão ainda não afetou o prosseguimento das pesquisas de acordo com a grade estrutural em outros campos, mais específicos, do saber, principalmente no domínio das ciências do texto. Por outro lado, no plano filosófico, a implosão do althusserianismo preparou o caminho para um estruturalismo historicizado, encarnado, entre outros, por Michel Foucault.

BIBLIOGRAFIA

DOSSE, François. *História do Estruturalismo, v.2: o canto dos cisnes de 1967 aos nossos dias*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1994.

NOTAS

© Aluna do 4º semestre de graduação do curso de Letras da UFSM.

¹ Trabalho desenvolvido no Grupo de Estudos Lingüísticos da UFSM, coordenado pela profª Drª Amanda Eloina Scherer.